

## **A metafísica da imaginação em Espinosa: da crítica ao não-ser à teoria das idéias de imaginação**

Projeto de pesquisa de pós-doutorado apresentado ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Supervisora: Profa. Dra. Marilena Chauí

Candidata: Dra. Nastassja Pugliese (University of Georgia - EUA)

### **Resumo:**

A imaginação em Espinosa é tanto um gênero de conhecimento como a causa das idéias falsas e das idéias de ficção. Esta dupla capacidade que a imaginação tem de conhecer e de forjar faz dela uma atividade epistemologicamente problemática na medida em que imaginar não implica necessariamente em conhecer e nem tampouco em fantasiar. Se, por um lado, a imaginação não oferece ela mesma os critérios para a distinção entre a idéia verdadeira e a idéia falsa, entre a idéia adequada e a idéia inadequada, por outro lado, a atividade imaginativa contém em si mesma as causas que explicam suas funções aparentemente antitéticas. A proposta do presente projeto é, portanto, investigar a constituição ou a natureza da atividade imaginativa, distinguindo entre os diferentes tipos de idéias de imaginação a fim de caracterizar suas funções no conhecimento. Para tanto, a pesquisa se realizará através de dois eixos: (1) a análise da progressão das teses sobre a imaginação nos escritos primeiros e nos escritos de maturidade de Espinosa, apontando suas diferenças e semelhanças, (2) a análise do engajamento crítico de Espinosa com as teses metafísicas de seus predecessores e as disputas da época. No primeiro momento da pesquisa iremos reconstruir as teses sobre a imaginação no *Breve Tratado*, no *Pensamentos Metafísicos*, no *Tratado da Emenda* e compará-las com a teoria da imaginação da *Ética* e do *Tratado Teológico-Político*. No segundo momento, iremos contextualizar o problema das entidades de imaginação nas disputas metafísicas da escolástica tardia de Suárez, no cartesianismo de Heereboord e nas querelas matemáticas do século XVII. Nossa pesquisa resultará em um comentário detalhado, e contextualizado historicamente, da teoria da imaginação em Espinosa.

# **The Metaphysics of Imagination in Spinoza: from the critique of non-being to the theory of ideas of imagination**

Research Project for the postdoctoral position at the Philosophy Department of the University of São Paulo

Supervisor: Prof. Dr. Marilena Chauí

Candidate: Dr. Nastassja Pugliese (PhD - University of Georgia, USA.)

## **Abstract:**

Imagination, for Spinoza, is both a kind of knowledge and the origin of false ideas and fictional ideas. This double capacity of imagination to know and to feign is epistemically problematic because imagining does not necessarily imply in knowing nor in fantasizing. If, on the one hand, imagination alone does not offer a criterion according to which one can distinguish between a true idea and a false idea, or between an adequate idea and an inadequate idea, on the other hand, we can find in the imaginative activity itself the causes that explain its apparently antithetical functions. The purpose of the present proposal is therefore to investigate the constitution or the nature of imagination, distinguishing between the different kinds of ideas of imagination. To this end, the research will be structured in two parts: (1) the analysis of the progression of the thesis on imagination of the early works and of the later works pointing out their similarities and differences, and (2) the analysis of Spinoza's critical engagement with the metaphysical theses of his predecessors and the philosophical disputations of his time. In the first part of the research, we will reconstruct the theses on imagination contained in the *Short Treatise*, the *Cogitata Metaphysica*, the *Treatise on the Emendation*, and compare those theses with the theory of imagination of both the *Ethics* and of the *Theological Political-Treatise*. Afterwards, we will contextualize the problem of the metaphysics of imagination of the early works (the critique of the notion of non-being) in metaphysical disputes of the late scholasticism of Suárez, the Dutch Cartesianism of Heereboord, and on the mathematical disputations of the Seventeenth Century. Our research will result in a detailed and historically contextualized commentary on Spinoza's theory of imagination.

## **Apresentação do problema:**

### **A imaginação como questão epistemológica e metafísica**

Na *Ética*, ao caracterizar a atividade imaginativa, Espinosa demonstra tanto as vantagens (E2p17) quanto as desvantagens (E2p41) que seguem de sua natureza. Os argumentos apresentados nessa segunda parte tem a função de evidenciar a inadequação epistêmica da imaginação (E2p42, E2p26cor): enquanto a mente imagina, ela não possui conhecimento adequado daquilo que está sendo imaginado. A imaginação é, portanto, caracterizada negativamente no que diz respeito à sua capacidade de, por si e através de si, conhecer adequadamente. Porém, os passos através dos quais Espinosa deduz como, através da potência do intelecto, podemos construir a liberdade, envolvem, de certo modo, a ação da imaginação. A vivência da liberdade e a experiência em ato da virtude e do bem supremo (*amor dei*) são funções não apenas do uso adequado da razão, mas também de um esforço afetivo-imaginativo. Tal esforço se realiza quando a mente se ocupa, durante o máximo de tempo, e de acordo com o máximo de sua potência, com imagens e afetos que lhe permitem contemplar e compreender sua natureza experimentando, portanto, a liberdade (E5p10-p15). Na última parte da *Ética*, a imaginação retorna, mas, agora, com uma função positiva, e em um contexto onde já estão postas as condições para a liberdade e o conhecimento adequado. Vê-se, portanto, que Espinosa oferece uma dupla caracterização da imaginação em que a atividade é tanto origem do erro quanto instrumento para o conhecimento e a experiência da liberdade. Os argumentos sobre a função da imaginação são, desse modo, problemáticos na medida em que as funções que ela cumpre na segunda parte da *Ética* parecem incompatíveis com as que, de acordo com a argumentação da quinta parte, ela é capaz de cumprir. Nos deparamos, então, em primeiro lugar, com um problema epistemológico, já que Espinosa é ambivalente no que diz respeito à função da imaginação no conhecimento.

Em seu aspecto positivo, a imaginação é a atividade cognitiva responsável pelo aprendizado por signos e símbolos e é, portanto, através dela que se aprende e se exercita uma linguagem qualquer (E2p40esc). Deste modo, a imaginação também está implicada no discurso científico das ciências empíricas como a física, a química e a biologia, nas provas e

demonstrações por símbolos da matemática, da geometria e da lógica (ou seja, nos procedimentos de prova das ciências formais). Assim, é com idéias de imaginação e com suas imagens que forjamos conceitos e linguagens úteis para a prática científica. Com elas medimos quantidades, grandezas físicas e descrevemos certos tipos de experiência do pensamento e da extensão. As ideias de imaginação são modos de pensar que nos permitem reter, explicar e melhor imaginar as coisas que, por outros meios, conseguimos definir e conhecer adequadamente (CM I/I).

Em seu aspecto negativo, a imaginação, produtora de realidade afetiva (ou seja, tanto corpórea quanto mental), forma idéias que não se referem a nada e indicam apenas a presença de seres verbais (quimeras ou *ens verbale*<sup>1</sup>) ou seres de ficção (*ens fictum*). As idéias de imaginação são passivas já que não são formadas por uma ação da mente (*conceptio*), mas por um efeito das coisas sobre a percepção. Deste modo, as idéias de imaginação não estão acompanhadas pelas idéias de suas causas e, por isso, mais confundem do que esclarecem a natureza das coisas. Portanto, idéias de imaginação são modos de pensar inadequados, já que não indicam a ordem das causas nos atributos da substância. A imaginação, assim, é a única causa de falsidade, e na medida em que a mente está imaginando, ela não tem conhecimento adequado (E2p26cor). Como a imaginação não tem ela mesma o princípio ou o critério a partir do qual é possível distinguir o que é verdadeiro do que é falso, então o conhecimento que ela proporciona das idéias é parcial. A imaginação causa passividade afetiva porque sua atividade depende da fortuna dos encontros; ou seja, é por um efeito da atividade imaginativa que a mente flutua entre a contemplação de suas capacidades e a contemplação de sua impotência. Sozinha, a imaginação não nos permite distinguir quais idéias são verdadeiras e quais são falsas, mesmo que as idéias que ela mesma produz e contempla não sejam sempre falsas.

Esta dupla caracterização das funções da imaginação evidencia a complexidade epistêmica desta atividade. Um modo de justificar este aparente conflito de funções é analisar a natureza mesma da atividade imaginativa e os tipos de idéia que produz. Em princípio, o estudo da metafísica da imaginação, ou seja, a investigação a respeito da existência de seus objetos e de suas características, deveria esclarecer sua dupla função no conhecimento. Porém, quando

---

<sup>1</sup> Ver CM, Parte 1, Capítulo 3 ( G I/241 8-16): “*chimaeram commodè ens verbale vocari.*”

procuramos pela essência das idéias de imaginação como estratégia de solução do impasse epistêmico, nos deparamos com outro problema. Ao combinarmos a unidade substancial e a definição de substância com a caracterização da imaginação enquanto atividade responsável pelas idéias falsas e inadequadas, surge um segundo paradoxo; desta vez, um paradoxo metafísico. Se há apenas uma substância absolutamente infinita, causa imanente de si e de suas modificações, que é perfeita e de onde tudo o que dela segue é também perfeito e existe enquanto modo de seus atributos, então tudo o que há é real e perfeito. Portanto, todas as idéias ou modos de pensar são modificações do atributo pensamento pertencente à substância e, dessa maneira, são coisas objetivas e verdadeiras. Mas se as imaginações são caracterizadas como idéias falsas e, por isso, não existentes, então duas possibilidades interpretativas se seguem: ou é falso dizer que todas as modificações dos atributos da substância são reais e perfeitos enquanto tais, ou é verdadeiro dizer que as idéias de imaginação tem algum tipo de perfeição e, portanto, algum grau de virtude.

A unidade substancial de Espinosa e a sua defesa da causalidade imanente da substância em relação aos seus modos, não permite que um modo do pensamento, seja ele qual for, seja falso ou considerado como não existente. Todas as idéias, por menor que seja o seu grau de perfeição, são modificações do atributo pensamento e, portanto, são geradas a partir de uma certa ordem de causas. Ao conceber a unidade substancial na *Ética*, Espinosa rejeita a divisão da metafísica tradicional entre seres reais (*ens reale*) e não-ser (*non entia*), inaugurando os fundamentos para uma teoria unificada do ser onde, tudo o que há, existe enquanto modo da substância. A imaginação, então, não pode produzir idéias que sejam, em si mesmas, falsas ou não-existentes. O problema com que nos deparamos é o seguinte: como podem as idéias de imaginação serem falsidades e, portanto, idéias que não se referem a nada, e, ao mesmo tempo serem idéias produzidas pela mente que, por sua vez, funciona de modo a reproduzir a ordem e a natureza das coisas? Como pode haver idéias de imaginação se tudo o que segue da substância segue de acordo com a ordem de causas próprias às modificações da substância (nesse caso, de acordo com a ordem própria dos modos finitos)? Como pode a ordem necessária de modificações gerar idéias que forjam ou fogem desta mesma ordem? Como é possível imaginar em um contexto onde tudo o que há é parte da substância e é produzindo segundo uma certa ordem

necessária de modificações? Estas questões nos mostram que a imaginação envolve problemas filosóficos de cunho tanto metafísicos quanto epistemológicos.

Em minha tese de doutorado, procurei mostrar que há uma progressão das teses de Espinosa sobre a imaginação. A discussão se inicia com o debate sobre a metafísica tradicional, nos seus primeiros escritos. Neste momento, Espinosa estabelece as bases de sua metafísica da imaginação, rejeitando a divisão tradicional do ser. Esta rejeição se expressa em uma crítica à idéia de não-ser (*non entia*). No entanto, nesses primeiros escritos, ainda não está consolidada sua perspectiva sobre o que são tais entidades. É apenas na *Ética* que a teoria das idéias de imaginação se realiza plenamente. Procurei demonstrar que a teoria da imaginação da *Ética*, se interpretada em conjunto com a crítica do não-ser presente nos escritos iniciais, é capaz de se mostrar como solução aos paradoxos epistemológicos e metafísicos expostos acima.

No presente projeto, pretendemos retomar o problema da imaginação enquanto questão epistêmica e metafísica por meio de uma leitura mais exaustiva (e unificada) das obras completas e de uma análise de seu contexto histórico. A proposta interpretativa da qual partirá a pesquisa é a de que a compreensão da metafísica da imaginação de Espinosa, desenvolvida consistentemente desde os primeiros escritos, permite a compreensão da função das idéias imaginativas no conhecimento. A partir desta proposta exegética, investigaremos as teses tradicionais com as quais Espinosa dialoga e que justificam uma metafísica positiva da imaginação. Nesta análise de fontes e influências, a pesquisa procurará explicitar os argumentos dos pensadores do círculo de Espinosa, os contra-argumentos apresentados em sua crítica ao não-ser nos primeiros escritos e na teoria das idéias de imaginação dos escritos de maturidade. Além deste estudo comparativo, iremos também analisar o caso específico das entidades matemáticas no que diz respeito a sua natureza e seu lugar no conhecimento.

### **Objetivos da Pesquisa:**

A partir de uma análise comparativa entre os escritos iniciais e os de maturidade, nossa pesquisa procura reconstruir os argumentos que compõe a metafísica da imaginação de Espinosa, oferecendo uma interpretação original e detalhada da natureza e função da imaginação levando

em consideração o contexto histórico da questão. O propósito de tal percurso será o de estudar separadamente os diferentes argumentos que aparecem nas obras a respeito da natureza e função da imaginação, compreendendo-os a partir das condições históricas e do propósito da obra onde são apresentados. Além disso, no que diz respeito à natureza da atividade imaginativa, ou seja, à definição e origem das idéias de imaginação, a presente pesquisa buscará explicitar como as teses de Espinosa sobre o não-ser são fruto de seu engajamento com o aristotelismo escolástico (de Francisco Suárez) e o cartesianismo holandês (de Adriaan Heereboord). Este engajamento de Espinosa com as temáticas escolares e aristotélicas se estabelece a partir de uma dinâmica crítica que se expressa sob a forma paradoxal de uma continuidade descontínua, isto é, as teses sobre a natureza da imaginação indicam ao mesmo tempo heranças (temáticas e terminológicas) e rupturas (conceituais). A presente pesquisa, portanto, percorrerá o caminho da análise comparativa entre os escritos iniciais de Espinosa (*Breve Tratado* e os *Pensamento Metafísicos*), onde encontramos a crítica ao não-ser (*non entia*) e as obras dos autores-fonte a quem Espinosa endereça suas críticas (a noção de ente de razão nas *Disputatio Metaphysica* de Suárez e na *Meletemata* de Heereboord). Esta comparação tem como fim explicitar o caminho da construção de uma metafísica positiva da imaginação em Espinosa que se inicia na crítica ao não-ser (*non entia*) e culmina com a teoria das idéias de imaginação na *Ética* e no *Tratado Teológico-Político*.

A análise das relações entre a metafísica de Espinosa e seu contexto histórico-filosófico permite uma investigação mais abrangente das questões e controvérsias que atuam como pano de fundo de seu pensamento. O problema acerca do ser das idéias de imaginação, ou seja, dos *non entia*, dos *ens ficta*, *ens verbale* e dos *entis rationis*, se apresenta, na prática, nas discussões das ciências axiomáticas e na cultura matemática da época. Neste sentido, daremos atenção ao caso especial da *quaestio de certitudine mathematicarum* (analisaremos a obra de autores como Clavius, De Witt, Van Shooten, Hobbes, and Barrow) e ao engajamento de Espinosa com a questão da função e do lugar das entidades matemáticas no conhecimento.

Para Espinosa, números, quantidades e propriedades universais são idéias de imaginação. Portanto, tal análise sobre a função e o lugar da imaginação dará ensejo a uma investigação sobre a natureza das entidades matemáticas, já que estas são um caso específico das idéias de imaginação. Com o exemplo da matemática, vê-se mais claramente o problema relativo às idéias

de imaginação: por um lado, são entidades que não correspondem a nenhum objeto na extensão, mas por outro, possuem função pedagógica e auxiliam a compreensão das regularidades da experiência. Soma-se a isso o fato de que os objetos matemáticos, quando concebidos adequadamente, deixam de ser idéias de imaginação e tornam-se idéias racionais. Inúmeras perguntas advêm dessa experiência cognitiva múltipla dos objetos matemáticos: Qual a diferença entre a entidade de matemática imaginada e a concebida? É possível tornar uma idéia de imaginação em uma idéia adequadamente construída? Há relação entre a idéia imaginada e a idéia adequadamente concebida pela razão? Procuraremos responder ou, ao menos, começar a responder todas elas.

Esperamos que este estudo contextual e comparativo da imaginação em Espinosa permita uma compreensão mais detalhada sobre a distinção entre conhecer e fantasiar. A proposta é oferecer uma análise, até então inédita, da metafísica das idéias de imaginação de Espinosa para verificar, através de uma interpretação renovada da natureza da atividade, se é possível a solução dos aparentes paradoxos epistêmicos e metafísicos relativos à atividade imaginativa. A pesquisa procura contribuir para a retomada dos estudos sobre as fontes de Espinosa, ampliando o acesso a textos e temas pouco estudados e de difícil compreensão. Neste esforço, esperamos revisitar as querelas matemáticas e reavaliar a contribuição de Espinosa para as discussões filosóficas próprias das ciências axiomáticas no século XVII. Finalmente, a pesquisa abrirá caminho para estudos mais detalhados da natureza e função da imaginação e das questões que dela decorrem, tanto em Espinosa quanto em seus predecessores e sucessores.

## **Desenvolvimento do Problema**

Na tese de doutorado “The Metaphysics of Imagination in Spinoza”, defendi que Espinosa oferece uma metafísica positiva da imaginação que é construída paulatinamente ao longo de suas obras. A metafísica da imaginação de Espinosa começa com sua crítica ao não-ser nos primeiros escritos e culmina com a teoria das idéias de imaginação nas obras de maturidade. Argumentei também que as interpretações tradicionais sobre a função da imaginação no conhecimento não permitem uma compreensão de sua natureza metafísica e dão origem a

paradoxos. Procurei, por fim, demonstrar que a imaginação na *Ética* é melhor compreendida quando analisada, separadamente, em suas origens no atributo extensão e no atributo pensamento. Assim, ofereci uma categorização e uma análise dos diferentes tipos de objetos produzidos pela imaginação e distingi suas funções no conhecimento. Neste momento da pesquisa, é interessante voltar para os escritos iniciais e reconstruir os argumentos de Espinosa contra a divisão tradicional do ser. A intenção é tratar o problema da imaginação em Espinosa a partir das suas origens históricas próximas (as fontes de Espinosa e as disputas de época), para então podermos analisar as questões derivadas das disputas sobre a natureza dos entes de imaginação como, por exemplo, a questão da natureza da matemática.

Iremos analisar duas fontes da crítica de Espinosa à metafísica tradicional. A primeira é a extensa investigação metafísica de Francisco Suárez e a segunda as meditações de Heereboord. Mas o que nos leva a escolher estes dois autores, um teólogo jesuíta espanhol e um lógico cartesiano holandês? A escolha pela análise comparativa entre as primeiras teses de Espinosa sobre a imaginação e os *non-entia* e a obra de Heereboord decorre do fato de que Heereboord é um dos únicos filósofos que Espinosa cita diretamente em seus textos. No capítulo 12 dos *Pensamentos Metafísicos* (*Cogitata Metaphysica*, de agora em diante *CM*), por exemplo, Heereboord é citado por Espinosa explicitamente como alvo crítico do argumento em favor da identidade entre a vontade e o intelecto<sup>2</sup>. De acordo com Krop (2011):

Heereboord considera o intelecto como o princípio movente da vontade. Como Espinosa, ele rejeita a noção convencional, defendida pelos “Jesuitas e Remonstrantes”, de que a vontade é indiferente. Aparentemente, Espinosa negligenciou a natureza contrafactual do argumento de Heereboord e o utiliza em um contexto diferente, a saber, o da identidade entre a vontade e o intelecto. (Krop 2011, p. 72)

---

<sup>2</sup>Segundo Krop (2011) a citação presente no CM é da obra *Collegium Ethicoum* de Heereboord. Krop mapeia, ainda, outros pontos de influência: “Espinosa usa muitos termos metafísicos tradicionais como substância, atributo, afecção, modo e modificação, mas a fonte destes termos (com a exceção de modificação) pode bem ter sido Descartes. Há muitos exemplos de terminologia nos trabalhos de Espinosa que são difíceis de ter suas fontes identificadas com certeza. Assim, a divisão de causas em E1p16-18 e o KV 1.3. pode ter derivado de Burgersdijk, mas também ocorre nos trabalhos de Heereboord. Ainda, *finis cujus causa* (E4def7) é usado por Heereboord em suas disputas sobre as causas finais (Meletemata 2.23); o par de conceitos *in suo genere* e *absolute* e usado por Burgerdijk e por Heereboord no *Institutiones logicar* 1.17; o par *natura naturans - natura naturata* (KV 1.8-9; CM 2.7, 2.9, Ep9, E1p29s, E1p31) ocorre em muitas fontes e entre elas o *Collegium Physicum 2* do Heereboord. Tomar os termos emprestado, entretanto, também tem uma função polêmica. Assim, em E1app, Espinosa utiliza a distinção escolástica entre *finis indigentiae* e *finis assimilationis*, tomara do Meletemata 2.24, apenas para rejeitá-la.”

Ao longo desta obra de 1663, há diversos outros momentos, tanto na primeira quanto na segunda parte dos *CM*, onde Espinosa reconstrói os argumentos de Heereboord para fins de análise, tanto crítica quanto descritiva. A associação entre as teses reconstruídas por Espinosa e a obra de Heereboord é apontada por Curley (1985):

Espinosa parece ter Heereboord em mente com frequência quando ele critica oponentes não-nomeados, e Heereboord compartilha com Aristóteles a marca distintiva de ser um dos apenas dois oponentes que são ao mesmo tempo nomeados e citados [por Espinosa]. Espinosa não refere-se a Heereboord apenas para discordar dele. Às vezes ele adota de Heereboord doutrinas e distinções que são muito importantes para sua filosofia de maturidade (em I/240-241, por exemplo). (Curley 1985, p.223)

Heereboord, professor de lógica e de ética da Universidade de Leiden entre 1620 e 1635, apresenta no *Meletemata Philosophiae* (título que pode ser traduzido como “Meditações Filosóficas”) um manual de metafísica escolástica para o público universitário do início da modernidade. Com o título inspirado nas *Meditações* de Descartes, a obra de Heereboord procura ser fiel ao cartesianismo. Neste manual podemos encontrar as tensões metafísicas que marcam o início da modernidade. Seu esforço, porém, é tanto de descrever as teses do aristotelismo escolástico quanto apresentar para o público universitário as novas teses de Descartes. Heereboord é considerado o responsável por introduzir o cartesianismo nos círculos acadêmicos holandeses. Em sua obra *Epistola ad Curatores*, Heereboord descreve Descartes como “o mais iluminado dos filósofos, guardador e conhecedor da verdade, filosofia e da liberdade de pensamento”<sup>3</sup>. O professor de Leiden era conhecido por ser um entusiasta de Descartes que, ao mesmo tempo que fazia seus alunos debaterem teses cartesianas, ensinava a velha filosofia escolástica já que o cartesianismo não oferecia resposta para todas as questões. Heereboord, assim como Descartes, defende que a liberdade de filosofar só é alcançada quando a mente expurga preconceitos e aplica o método matemático na sua busca pelo conhecimento.

A relação direta entre Heereboord e Espinosa não é clara, mas Curley (1985, p.223) argumenta que é possível que ele tenha sido professor de Espinosa em Leiden. De todo modo, Heereboord faz parte do círculo de pensadores que conviveram com Espinosa. Cunhado dos

---

<sup>3</sup> ver Krop 2011, p. 72

irmãos Pieter e Johannes de la Court, Heereboord foi aluno de Burgersdijk (que também influenciou Espinosa) e foi professor de Lodewijk Meyer. Mesmo sem evidências concretas de que Heereboord tenha sido professor de Espinosa, seu pensamento de um modo ou de outro o influenciou. O estudo comparativo entre as teses de Heereboord e as de Espinosa, entretanto, não foi tão explorado pela literatura quando deveria, dado sua importância<sup>4</sup>. Heereboord ainda é um pensador obscuro e pouco conhecido, o que é evidenciado e reforçado pela ausência de tradução de sua obra *Meletemata* para a língua inglesa ou para qualquer outra língua românica contemporânea. Em um esforço de ampliar o cânone e examinar mais detalhadamente o contexto histórico-filosófico no qual Espinosa está inserido e com o qual dialoga, vemos ser importante iniciar um trabalho de investigação sobre a relação entre Heereboord e Espinosa no que diz respeito ao tratamento da metafísica e, mais especificamente, das entidades de imaginação e de razão. A proposta da presente pesquisa é a de mapear as teses de Heereboord citadas por Espinosa, traduzir as partes relevantes de sua obra para o Português e produzir um artigo de apresentação de Heereboord e dois artigos com os resultados do estudo comparativo entre as teses de Heereboord e Espinosa.

Ainda que Suárez não seja explicitamente citado por Espinosa como é Heereboord, a escolha dos argumentos metafísicos de Francisco Suárez como contra-ponto, fonte crítica e pano de fundo para o estudo das primeiras teses de Espinosa sobre a imaginação não é arbitrária. Em 1887, Jacob Freudenthal identificou as fontes escolásticas usadas por Espinosa em seus primeiros escritos. No apêndice do *Princípios de Filosofia Cartesiana, os Pensamentos Metafísicos (CM)*, Espinosa reage a diversas teses tradicionais sem nomeá-las. Segundo Freudenthal, um dos alvos escolásticos da maior importância é Francisco Suárez.<sup>5</sup> A análise do tratado de metafísica de Suárez nos permitirá não apenas compreender sua filosofia, como também nos dará condições de compreender os argumentos da tradição aristotélico-escolástica sobre a existência e a natureza dos seres de razão-imaginação.

---

<sup>4</sup> A publicação mais recente e interessante sobre o assunto foi o artigo de Sangiacomo (2016) sobre a crítica de Espinosa às causas finais, avaliando tal crítica face os argumentos de seus alvos: Heereboord e Aristóteles. Ver Sangiacomo, Andrea. "Aristotle, Heereboord, and the Polemical Target of Spinoza's Critique of Final Causes" in *Journal of History of Philosophy*, Vol. 54, N3, July 2016, pp. 395-420.

<sup>5</sup> Freudenthal, Jacob. "Spinoza und die Scholastik." in *Philosophische Aufsätze E. Zeller gewidmet*. Leipzig, 1887. Citação retirada de Curley (1985, 223)

Investigaremos, para isso, o último capítulo das *Disputas Metafísicas* (*Disputationes Metaphysicae*; de agora em diante referida como *DM*) de Francisco Suárez, intitulado “Entes de Razão” (*Entia Rationis*). Esta obra de Suárez resume as disputas metafísicas tradicionais de modo tal que serve de referência para os estudos dos problemas filosóficos em discussão pelos filósofos clássicos<sup>6</sup>. O interesse em um estudo comparativo entre Suárez e Espinosa se dá, no âmbito da nossa pesquisa sobre a teoria da imaginação de Espinosa e suas fontes, porque nos primeiros escritos, tanto nos *Pensamentos Metafísicos* quanto no *Breve Tratado*, encontramos uma longa discussão sobre as divisões do ser tradicionalmente aceitas na metafísica tradicional e intensamente trabalhada por Suárez em seu *De Entibus Rationis* (*Sobre os Seres de Razão*, presente na *Disputatione Metaphysica* 54). Nesta parte do tratado que compila as disputas metafísicas de seus predecessores sob uma perspectiva aristotélica, Suárez trata da questão sobre a existência dos seres de razão, ou seja, seres que não existem e que não podem existir ainda que falemos e possamos falar deles. Tais seres não se restringem, para Suárez, às coisas impossíveis, englobando também os seres de ficção. Já para Espinosa, os seres de razão são um certo tipo de idéia de imaginação. Eles são idéias de imaginação que auxiliam a razão a conceber idéias adequadas. Entretanto, Espinosa também considera como seres de imaginação, os entes possíveis, os impossíveis e os de ficção. As idéias de imaginação em Espinosa, apesar de não poderem ser redutíveis aos seres de razão, também os incluem. Deste modo, podemos dizer que os seres de razão para Suárez, são um subconjunto do que Espinosa caracteriza de um modo mais geral como idéias de imaginação. Esta disputa entre Suárez e Espinosa, a respeito da diferença de natureza entre os seres de razão e os de imaginação, pode ser encontrada no primeiro capítulo da primeira parte dos *CM*. Uma análise mais detalhada das teses de Espinosa sobre a imaginação indica que os argumentos e os conceitos usados nos *CM* sofrem muitas transformações até a *Ética*. O resultado desta disputa é a mudança de uma crítica à divisão do ser da escolástica (Suareziana) tradicional, ou seja, de uma crítica ao não-ser para a teoria das idéias de imaginação

---

<sup>6</sup> Segundo Shields (2016), a *DM* “é um trabalho de extrema sofisticação e extensão, servindo ao mesmo tempo como um tipo de epítome de autoridade sobre a metafísica antiga e medieval e como uma discussão independente, incisiva e original de todos os tópicos da metafísica, concebidas, de acordo com o entendimento de Suárez sobre a matéria, o estudo do ser” (tradução livre). Na apresentação da *DM* na SEP, Shields cita a descrição que Schopenhauer faz da obra de Suárez, que reproduzimos aqui: as *Disputas Metafísicas* são “um autêntico compêndio de toda tradição escolástica”. Ver Shields, Christopher and Schwartz, Daniel, “Francisco Suárez”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/suarez/>>.

na *Ética*. Na *Ética*, tanto os entes de razão, quanto os seres possíveis, os impossíveis, os verbais e as quimeras serão parte das idéias de imaginação. Esta é umas das hipóteses principais do presente projeto, onde pretendo demonstrar que a evolução das teses de Espinosa sobre a imaginação são dependentes dos resultados e paradoxos aos quais ele chega no *CM* e no *KV* ao investigar a divisão do ser do modo como é tratada na metafísica tradicional (representada por Suárez e Heereboord)<sup>7</sup>.

A pesquisa a respeito dos seres de razão em Suárez, nos permitirá, portanto, compreender melhor, e de modo mais preciso, a diferença entre as idéias de imaginação em Espinosa e a natureza daquelas que contribuem positivamente para o conhecimento, os entes de razão (*ens rationis*). Há três tipos de entes de razão descritos no *Pensamentos Metafísicos* (CM II): os universais, as entidades matemáticas (o tempo, o número e a medida) e as noções negativas. Todos estes seres de razão são, na segunda parte da *Ética*, considerados como universais ou termos transcendentais. Estes termos gerais são abstrações realizadas pela imaginação para que ela possa ordenar os objetos da percepção de modo que seja capaz de lembrá-los, reconhecê-los e relacioná-los. Estas abstrações são reduções das percepções de particulares e suas regularidades à classes (E2p40esc1). Estas classes não existem como tal na ordem dos modos da substância, ao contrário, elas são idéias que a imaginação gera para ajudar no conhecimento. Mas o que isto indica sobre a existência e a natureza de tais idéias?

Por um lado, as idéias de imaginação, e entre elas os seres de razão, não existem tal como existem os objetos concretos particulares, pois aquilo do que são idéia não existe enquanto uma coisa singular inserida na ordem dos modos da substância. Mas, por outro lado, as idéias elas mesmas existem tanto em ato na mente de quem as imagina, como também são reais (causam e são causados por outras idéias) e tem existência objetiva (podem e são objetivamente compartilhadas). Esta natureza complexa das idéias de imaginação, adicionada ao fato de que números e entidades abstratas, como as classes, são consideradas subconjuntos das idéias de imaginação, faz com que o problema da imaginação em Espinosa tenha consequências importantes para sua caracterização das ciências axiomáticas como a matemática e a geometria.

---

<sup>7</sup> Tal discussão já foi tratada por Chauí (2003), *Nervura I*, Parte II, capítulo 4.

Uma investigação exaustiva das teses de Espinosa sobre a imaginação deve, portanto, culminar com o tratamento desta importante questão derivada.

Por fim, para concluir este esforço de investigação do contexto histórico no qual se insere a teoria da imaginação de Espinosa, iremos nos debruçar sobre a questão da natureza e função das idéias de imaginação nas ciências axiomáticas e, em particular, na matemática. Se, por um lado, Espinosa caracteriza a matemática como “papel exemplar para o saber” (Chauí 2016, p.20) por causa da “peculiaridade de suas definições” (Ep 5, Ep42, Ep56, Ep76, E1ap, E1p17esc, E2pref, TTP cap 7), por outro lado, Espinosa é um crítico radical dos termos abstratos, onde se inclui as noções de tempo, número, medida e universais (Ep12, CM I/I, E1ax4, E2p40esc1). As teses de Espinosa sobre a matemática levantam importantes questões. Como pode a matemática ser uma ciência exemplar se seus objetos (os números, por exemplo) são termos abstratos e, portanto, idéias de imaginação? Melamed (2000) aponta a problemática aprovação de Espinosa das ciências axiomáticas e argumenta que se os entes matemáticos, como os números, são idéias de imaginação, então sua definição de ciência matemática resulta em um oxímoro: “a ciência exata dos não-entes” (“the exact science of nonbeings”)<sup>8</sup>. Neste momento da pesquisa, onde analisaremos certo tipo de idéia de imaginação (os *ens rationes*), realizaremos as seguintes perguntas: seriam as entidades matemáticas idéias de imaginação? Se não, como estas idéias de imaginação se relacionam com as definições genéticas e as idéias matemáticas adequadamente concebidas pela razão? Se sim, seria possível, então, uma matemática onde todos os seus termos são construídos por definições genéticas? E quais as consequências de se envolver tanto a imaginação quanto a razão na linguagem e na prática matemática?<sup>9</sup>

A hipótese com a qual iremos trabalhar é a de que a visão de Espinosa sobre as matemáticas é inovadora e sem precedentes históricos. Para tanto, mostraremos que Espinosa não ignora as questões sobre os fundamentos das ciências axiomáticas de seu tempo e que, de sua metafísica, podemos deduzir sua perspectiva sobre a natureza da matemática, o que ela é na

---

<sup>8</sup> Melamed, Y. “On the Exact Science of Nonbeings: Spinoza’s view of Mathematics” in *Iyyun: The Jerusalem Philosophical Quarterly*, 49 (January 2000), pp.3-22

<sup>9</sup> Ao mesmo tempo que a matemática é caracterizada como modelo de ciência racional, por causa da crítica de Espinosa aos termos abstratos e aos números, a matemática faz uso de idéias de imaginação. Entretanto, é possível que de cada um dos três gêneros de conhecimento sejam derivadas distintas práticas matemáticas já que Espinosa critica a aritmética, mas elogia a geometria. Como esta hipótese precisa de mais investigação para ser demonstrada, a exploraremos em outro momento. Por hora, ver Chauí (2003) *Nervura do Real I* - Parte III, Capítulo 5.

prática, e o que ela deveria ser para receber o status de ciência com o maior grau de certeza. O problema da época mais filosoficamente relevante e que pensamos que Espinosa responde indiretamente em sua obra é a chamada *quaestio certitudine mathematicarum*. O século XVII, chamado por Brunschvicg de “a era da filosofia da matemática”, tem a marca, na filosofia, da influência da matemática. Os filósofos da época, e com Espinosa não é diferente, vêem a matemática e as ciências axiomáticas como garantia de clareza e ordem e, deste modo, aplicam o método matemático na construção de seus sistemas. Seu sistema demonstra a marca profunda da influência da matemática e sua crítica às entidades e termos abstratos demonstra engajamento com as questões relativas aos fundamentos filosóficos da disciplina. O estudo detalhado da questão sobre a certeza das matemáticas, problema herdado do debate renascentista sobre a definição de ciência de Aristóteles nos *Segundos Analíticos*, nos permitirá compreender melhor tanto a natureza dos objetos matemáticos como também abrirá a discussão sobre a definição de ciência de Espinosa. Estas investigações para além das obras de Espinosa nos permitirá compreender o contexto de enunciação de sua teoria da imaginação. O estudo dos interlocutores e das questões filosóficas da época auxilia a compreensão tanto da obra de Espinosa quanto de sua influência nas filosofias modernas emergentes.

## **Metodologia**

O primeiro eixo de investigação do projeto faz parte de uma pesquisa já em estado avançado, dado que ele retoma os resultados alcançados durante os anos de minha pesquisa de doutoramento. Em minha tese de doutorado, investiguei brevemente a natureza da imaginação nos primeiros escritos de Espinosa e apresentei uma interpretação original quanto à sua natureza e função no contexto da *Ética*. Para tanto, categorizei a literatura secundária entre aqueles que interpretam a função epistemológica da imaginação negativamente (representadas por Hampshire 1951, Darbon 1946, Joachim 1940, Gore 1902; uma interpretação largamente aceita no início do século XX, mas presente até os dias de hoje por causa dos trabalhos de Gueroult 1974, Curley 1988, Nadler 2006, Mignini 2006, Della Rocca 2008) e aqueles que a caracterizam positivamente (interpretação mais recente, inaugurada por Apphun 1926, e que ganha força a partir da metade

do século XX, representada por DeDeug 1966, Gilead 1994, Bostrengui 1996, Macherey 1997, Vinciguerra 2001, Steenbakkers 2004, Hervet 2012, Chauí 2016). Analisando a pesquisa de ambas as vertentes, tanto dos que a caracterizam positivamente quanto negativamente, aponte os problemas metafísicos de se considerar a imaginação como entidades ou idéias não-existentes. Para solucionar tais paradoxos metafísicos, levantei a hipótese de que as idéias de imaginação são entes reais e objetivos. Comparando as epístolas, o *Pensamentos Metafísicos*, o *Breve Tratado* e a *Ética*, propus a tese de que há uma metafísica positiva da imaginação em Espinosa, ou seja, que as idéias de imaginação são idéias existentes e, portanto, entidades reais, objetivas e atuais enquanto idéias. Assim, o método de realização desta parte da pesquisa de pós-doutorado consiste em retornar à tese de doutorado e aos trabalhos apresentados durante este tempo e revisá-los à luz dos comentários críticos dos participantes do grupo de pesquisa em Espinosa. A proposta do presente projeto é tornar público e acessíveis os resultados da pesquisa de doutoramento através de publicações especializadas. Esta parte da pesquisa já está em estado avançado e muitas partes encontram-se prontas para publicação. Entretanto, seria interessante também adicionar, à investigação realizada no doutorado, a análise das obras faltantes. Na tese, reconstruí a teoria da imaginação que Espinosa apresenta nas obras *Pensamentos Metafísicos*, *Breve Tratado* e no conjunto de correspondências trocadas com Pieter Balling e Hugo Boxel para enfim compará-las com as teses sobre a imaginação presentes na *Ética*. Para exaurir a análise da imaginação e oferecer uma interpretação que abranja as obras completas, é preciso ainda analisar as teses sobre a imaginação no *Tratado da Emenda do Intelecto*, no *Tratado Teológico-Político* e nas correspondências com Blyenbergh (as oito cartas sobre o mal) e a Meyer (carta 12 sobre o infinito). Tal complementação será mais facilmente realizada se a mim for dada a oportunidade de trabalhar junto ao grupo de estudos espinosanos sob supervisão de Chauí, pois o grupo estuda estes textos há tempos.

O segundo eixo de investigação é consequência natural do terceiro capítulo da tese. O estudo das fontes de Espinosa, ou seja, o estudo de seus alvos críticos, que realizei no terceiro capítulo da dissertação deverá se desdobrar em uma análise mais detalhada das fontes. Tais fontes são pouco estudadas e há a necessidade de tradução de algumas obras. Este trabalho, portanto, exige dedicação exclusiva pois é preciso estudar obras em latim do contexto filosófico

e científico do século XVII que são pouco estudadas. O estudo do engajamento crítico de Espinosa com as disputas da época se subdivide em duas partes: a análise das fontes relativas à metafísica da imaginação e a análise das discussões relativas ao uso ou ao papel da imaginação no conhecimento. A primeira parte, já iniciada durante o percurso de doutoramento, procura explicitar as fontes das críticas de Espinosa à metafísica tradicional. Neste esforço de mapeamento, cheguei às *Disputatio* de Francisco Suárez e ao *Meletemata* de Heereboord. Falta, neste momento de aprimoramento e desenvolvimento da pesquisa, reconstruir os argumentos de Suárez e Heereboord e mostrar, a partir de uma análise comparativa, as diferenças entre tais argumentos e os de Espinosa.

A segunda parte da investigação sobre as obras e as questões que influenciam Espinosa é o desdobramento, mais específico e aplicado, do lugar das idéias de imaginação no conhecimento. Pretendemos revisitar as querelas matemáticas do século XVII e reconstruir as questões filosóficas próprias das ciências axiomáticas onde a metafísica da imaginação de Espinosa se insere. Para tanto leremos Clavius (1611) e Barrow (1655), os comentadores de Euclides que influenciaram Espinosa, contextualizando o problema tanto na obra de Espinosa como na obra de Hobbes. Dois livros sobre o assunto irão servir inicialmente de guia: *Spinoza et les mathématiques* de Fabrice Audié (Presse Universitaire Pantheon-Sorbonne, 2007) e *Philosophy of Mathematics and Mathematical Practice in the Seventeenth Century* de Paolo Mancosu (OUP, 1996). Na obra de Espinosa, reconstruiremos os argumentos que formam a tese sobre a natureza da matemática e das ciências axiomáticas. Em especial, a definição de demonstração geométrica nos PPC e no KV, as inúmeras referências à matemática presentes na Ética e as controvérsias presentes nas cartas.

## **Plano de Trabalho**

O presente projeto tem por fim produzir resultados palpáveis: livro, artigos, traduções, apresentações de trabalhos em conferências, e, se possível, a condução de um curso sobre as raízes escolásticas de Espinosa na USP. No primeiro semestre de trabalho, irei revisitar a tese de doutorado, escrita em inglês, e farei pequenos ajustes para enviar para editoras de grande

circulação internacional. Planejo enviar o manuscrito para editoras universitárias e editoras com reputação de excelência na pesquisa acadêmica. Gostaria também de traduzir o manuscrito e publicá-lo em Português, para um acesso mais aprofundado e difundido por parte dos alunos de graduação e pós-graduação que fazem pesquisa sobre o tema no nosso país. No que diz respeito à apresentações, já em fevereiro de 2017 fui convidada para apresentar três trabalhos em colóquios no Brasil: um no primeiro semestre e dois no segundo semestre. Planejo participar de outros ao longo dos próximos anos para fortalecer o intercâmbio acadêmico e apresentar os resultados da presente pesquisa. Além disso, durante as pesquisas na biblioteca da USP, irei colher material sobre as fontes escolásticas e sobre as querelas matemáticas. Como o tema é pouco estudado, iniciaremos as traduções do latim para o português e do inglês para o português.

Nos próximos anos, continuarei a trabalhar na publicação de artigos científicos. Pretendo produzir artigos científicos a partir da minha tese doutorado e outros que serão fruto da presente pesquisa de pós-doutorado. Tenho a intenção de rever os artigos já escritos por mim durante o meu doutorado nos Estados Unidos e enviá-los para periódicos internacionais. Procurarei escrever artigos relativos a esta pesquisa de pós doutorado em ambas as línguas, Português e Inglês. Planejo também retomar as apresentações de trabalho já realizadas e transformá-los em artigos para publicação. Além disso, dedicarei tempo para a pesquisa mais profunda sobre as fontes escolásticas e a filosofia da matemática de Espinosa. Irei apresentar trabalhos em colóquios nacionais e internacionais e, se possível, começarei a estudar a viabilidade de um período de pesquisa fora do país. Até o final do segundo ano, pretendo ter publicado o livro da tese de doutorado e artigos extraídos da tese e dos desdobramentos aqui descritos. Os resultados do presente projeto será disseminado em conferências, aulas e palestras. Sua execução será fruto de extensa pesquisa e debate com a professora Marilena Chauí, o Grupo de Estudos Espinosanos da USP e professores brasileiros e estrangeiros interessados no tema. Estas obras já foram extensivamente trabalhadas por Chauí e por pesquisadores do grupo de estudos espinosanos da USP, portanto, é certo que o diálogo com eles será fundamental e fecundo para a bem sucedida realização do presente projeto. O cronograma previsto para a realização do projeto deverá seguir o resumo presente na seguinte tabela:

	Pesquisa	Execução	Disseminação
<b>Ano 1 - semestre 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mapeamento bibliográfico da literatura secundária</li> <li>- Leitura das obras primárias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação nas reuniões do Grupo de Pesquisa Estudos Espinosanos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Publicação de artigos retirados da tese de doutorado;</li> <li>- Apresentação em seminários, colóquios e congressos;</li> </ul>
<b>Ano 1 - semestre 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mapeamento bibliográfico da literatura secundária</li> <li>- Leitura das obras primárias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação nas reuniões do Grupo de Pesquisa Estudos Espinosanos;</li> <li>- Revisão da tese de doutorado e preparação do manuscrito do livro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Publicação de artigos retirados da tese de doutorado;</li> <li>- Apresentação em seminários, colóquios e congressos;</li> </ul>
<b>Ano 2 - semestre 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mapeamento bibliográfico da literatura secundária</li> <li>- Leitura das obras primárias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação nas reuniões do Grupo de Pesquisa Estudos Espinosanos;</li> <li>- Revisão da tese de doutorado e preparação do manuscrito do livro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Publicação de artigos advindos da pesquisa recente;</li> <li>- Apresentação em seminários, colóquios e congressos;</li> </ul>
<b>Ano 2 - semestre 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tradução de excertos das obras primárias (as fontes de Espinosa)</li> <li>- Tradução de artigos de referência para o Português</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação nas reuniões do Grupo de Pesquisa Estudos Espinosanos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Publicação de artigos advindos da pesquisa recente;</li> <li>- Apresentação em seminários, colóquios e congressos;</li> </ul>

### **Bibliografia inicial**

Audié, Fabrice. 2005. *Spinoza et les Mathématiques*. Presses de l'Université Paris-Sorbonne.

Apphun, C. "Note sur la théorie de l'imagination dans Spinoza." *Chronicon Spinozanum* IV (1924-1926). 257-260.

Balaguer, Mark. "Fictionalism in the Philosophy of Mathematics", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2015 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2015/entries/fictionalism-mathematics/>>.

Bostrenghi, Daniela. *Forme e Virtù della Immaginazione in Spinoza*. Napoli: Bibliopolis, 1996.

Brunschvicg, Leon. *Les Étapes de la Philosophie Mathématique*. University of Michigan. The Michigan Historical Reprint Series, 2006.

Chauí, Marilena. *A Nervura do Real. Imanência e Liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Nervura do Real. Imanência e liberdade em Espinosa*. Volume II. Liberdade: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. “Definição Real na Abertura da Ética I de Espinosa.” *Cadernos de História da Filosofia da Ciência*. Série 3: 11 (1) (2001). 7-28.

Curley, Edwin. *Behind the Geometrical Method. A Reading of Spinoza's Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

Darbon, A. *Études Spinozistes Paris: PUF, 1946*.

De Deug, C. *The Significance of Spinoza's First Kind of Knowledge*. Van Gorcum, 1966.

De Dijn, Herman. *Spinoza. The Way to Wisdom*. Purdue University Press, 1996.

Della Rocca, Michael. “Rationalism run amok: representation and the reality of emotions in Spinoza.” *Interpreting Spinoza: Critical Essays*. Edited by Charles Huenemann. Cambridge University Press, 2008. 4-25.

\_\_\_\_\_. *Representation and the Mind-Body Problem in Spinoza*. Oxford University Press, 1996.

Gilead, A. “The indispensability of the First Kind of Knowledge.” *Spinoza on Knowledge and the Human Mind*. Papers presented at the Second Jerusalem Conference. Edited by Yirmiyahu Yovel. Leiden: Brill, 1994. 209-221.

Gore, William Clark. *The Imagination in Spinoza and Hume: A comparative study in the light of some recent contributions to psychology*. University of Chicago Press, 1902.

Gueroult, Martial. *Spinoza I - Dieu*. Aubier Philosophie, 1997.

\_\_\_\_\_. *Spinoza II - L'Âme*. Aubier Philosophie, 1997.

Hampshire, S. *Spinoza*. Harmondsworth, Middlesex: Pelican Books, 1951.

Heereboord, A. *Disputationes ex philosophia selectae*. Leiden, 1650.

\_\_\_\_\_. *Meletemata*. Amsterdam, 1680.

Hervet, Céline. *De L'imagination à L'entendement - La Puissance du langage chez Spinoza*. Classiques Garnier, 2012.

Joachim, H. (1940) *Spinoza's Tractatus de Intellectus Emendatione A Commentary*. Oxford University Press, 1940

Klever, Wim. "Actual Infinity: A note on the Crespas-Passus in Spinoza's Letter (12) to 204 Lodewijg Meijer." *Studia Spinozana: An International and Interdisciplinary Series* 10:111-120 (1994).

Krop, Henri. "Heereboord Adriaan (1614–1661)." In *The Bloomsbury Companion to Spinoza*, edited by W. van Bunge, H. Krop, P. Steenbakkers, and J. van de Ven, 72–73. London: Bloomsbury, 2011.

Macherey, Pierre. *Introduction à l'Éthique de Spinoza. La deuxième partie. La réalité mentale*. Paris: PUF, 1997.

Mancosu, Paolo. *Philosophy of Mathematics and Mathematical Practice in the Seventeenth Century*. Oxford University Press: New York, 1996.

Manzini, Frédéric. *Spinoza et ses scolastiques. Retour aux sources et nouveaux enjeux*. Centre d'études Cartésiennes et Group de Recherches Spinozistes. Presses de l'université de Paris-Sorbonne. Paris, 2011.

Melamed, Y. "On the Exact Science of Nonbeings: Spinoza's view of Mathematics" in *Iyyun: The Jerusalem Philosophical Quarterly*, 49 (January 2000), pp.3-22  
\_\_\_\_\_. *The Young Spinoza: A Metaphysician in the Making*. Oxford University Press, 2015.

Mignini, Filippo. *Introduzione a Spinoza. Roma: Editori Laterza, 2006*.

Nadler, Steven. *Spinoza's Ethics: An Introduction*. Cambridge University Press. 2006.

Novaes de Rezende, Cristiano. Tese de doutorado USP. *Intellectus Fabrica. Um ensaio sobre a teoria da definição no Tractatus de Intellectus Emendatione de Espinosa*. Orientação de Luis Henrique Lopes dos Santos.

Rosenthal, Michael A. "Spinoza and the Philosophy of History." *Interpreting Spinoza. Critical Essays*. Edited by Charlie Huenemann. Cambridge University Press, 2008. 111-127

Renz, Ursula. "From the Passive to the Active Intellect." *The Young Spinoza*. Edited by Yitzhak Y. Melamed. Oxford University Press, 2015.

Sangiaco, Andrea. "Aristotle, Heereboord, and the Polemical Target of Spinoza's Critique of Final Causes" in *Journal of History of Philosophy*, Vol. 54, N3, July 2016, pp. 395-420.

Shields, Christopher and Schwartz, Daniel, "Francisco Suárez", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/suarez/>>.

Sorell, Tom (ed.) *The Rise of Modern Philosophy: The Tension between the New and Traditional Philosophies from Machiavelli to Leibniz*. Clarendon Press, 1995.

Steenbakkers, P. "Spinoza on the Imagination" in *Imagination in the Later Middle Ages and Early Modern Times*. (ed. Nauta & Patzold), *Groningen Studies in Cultural Change*. Peeters, Leuven, 2004. p.176

Suárez, Francisco. *On the Formal Cause of Substance Metaphysical Disputation XV*. Translated by John Kronen & Jeremy Reedy. Marquette University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. *On the Various Kinds of Distinctions*. Translated by Cyril Vollert. Marquette University Press, 2007.

Teixeira, Lívio. *A Doutrina dos Modos de Percepção e Conceito de Abstração na Filosofia de Espinosa*. Editora Unesp, 2001.

Vinciguerra, L. *Spinoza et le Signe La Genèse de L'imagination*. Vrin, 2001.

Viljanen, Valtteri. *Spinoza's Geometry of Power*. Cambridge University Press, 2014.

Yovel, Yirmiyahu. & Gideon Segal, eds. *Ethica 4: Spinoza on Reason and the "Free Man"*. The Jerusalem Conferences. Little Room Press, 2004.